



**UMA ODISSÉIA PELA SUPERAÇÃO DA CONDIÇÃO
HUMANA: REFLEXÕES FILOSÓFICAS ACERCA DA
FICÇÃO CIENTÍFICA (SCI-FI) A PARTIR DE HANNAH
ARENDT**

**AN ODYSSEY FOR OVERCOMING HUMAN CONDITION:
PHILOSOPHICAL REFLECTIONS ON SCIENCE FICTION
(SCI-FI) BASED ON HANNAH ARENDT**

Petterson Brey*

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP

 <https://orcid.org/0000-0003-1214-3976>

pettersonbrey@gmail.com

RESUMO: O presente ensaio explora aspectos filosóficos da ficção científica a partir do prólogo de “A Condição Humana”, de Hannah Arendt. Dialogando com Heidegger e Prigogine/Stengers, reflete sobre a emancipação moderna e a rejeição à Terra e ao Deus criador. A *ficção científica* é vista como uma forma de libertação da *fantasia*, com o homem como explorador da natureza. Discute a alienação tecnológica e a transição da fantasia mítica para narrativas científicas, comparando com a jornada de Odisseu com “2001 – Uma Odisseia no Espaço”.

PALAVRAS-CHAVE: A condição humana; ficção científica; responsabilidade humana mútua; banalidade do mal.

ABSTRACT: This essay explores philosophical aspects of Science Fiction based on the prologue of Hannah Arendt’s “The Human Condition”. In dialogue with Heidegger and Prigogine/Stengers, it reflects on modern emancipation and the rejection of the Earth and the creator God. Science Fiction is seen as a form of liberation from Fantasy, with man as an explorer of nature. It discusses technological alienation and the transition from mythical fantasy to scientific narratives, comparing Odysseus’ journey with “2001: A Space Odyssey”.

KEYWORDS: The Human Condition; science fiction; mutual human responsibility; banality of evil.

* Doutorado em teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estágio de Pós-Doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

INTRODUÇÃO

Este ensaio analisa aspectos filosóficos do *sci-fi* a partir do prólogo de “A Condição Humana” (ARENDDT, 2016). A obra, publicada originalmente em 1958, evoca questões narrativas que Arendt explora em sua argumentação inicial. Tal empreitada, por conseguinte, requer que se faça uma interlocução entre elementos literários e a filosofia tanto da ciência quanto da política, que contornam as feições míticas da *ficção científica* (FC).¹ Para tanto, há de se mobilizar autores como Adam Roberts, Martin Heidegger, Ilya Prigogine e Isabelle Stengers.

A pergunta articulada por Hannah Arendt, ao final do terceiro parágrafo do texto base da presente reflexão (o prólogo mencionado), estabelece uma hipótese que se constitui como a intuição norteadora a respeito do que se pretende refletir aqui. Sejam, portanto, observadas as palavras da própria autora:

Devem a emancipação e a secularização da era moderna, que tiveram início com um afastamento, não necessariamente de Deus, mas de um deus que era o Pai dos homens no céu, terminar com um repúdio ainda mais funesto de uma terra que era a Mãe de todos os seres vivos sob o firmamento? (ARENDDT, 2016, p. 10).

A analogia do “novo Moisés” (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p. 19-21), que propõe uma “nova aliança” entre razão, ciência e natureza, ecoa no paralelismo de Arendt entre a rejeição ao Deus criador e o repúdio à Terra. Esse contraste revela a oposição entre a mitologia e a FC. Ao passo que o conhecimento científico liberta o homem do misticismo religioso, justamente ao, supostamente, dar-lhe maior domínio sobre a natureza, no âmbito da literatura, como assevera Roberts (2005, p. 65-70), a FC se liberta do campo da Fantasia, onde o ser humano estava sujeito ao natural desconhecido, para uma suposta posição de explorador dominante do mundo. Em ambos os paralelismos, aqui postos em relação de espelhamento, “a questão da técnica”, tal qual desenvolvida por Heidegger (2012, p. 11-38), constitui-se como um elemento ao redor do qual reside uma relevante questão simbólica, que pode ser posta em diálogo com a reflexão filosófica proposta por Hannah Arendt, a saber: questões acerca da “tecnologia e dependência”, segundo as quais, a tecnologia pode alienar os seres humanos de sua essência e verdadeira compreensão do ser, bem como questões a respeito da “autenticidade e inautenticidade”, pois, de acordo com Heidegger, a

¹ Diversos autores especializados no tema utilizam como sinônimos, em seus textos, os termos *ficção científica* (Science Fiction) e *sci-fi*. Doravante, a sigla FC será empregada para designar ambas as expressões.

autenticidade constitui-se como uma forma genuína de existência e a inautenticidade como uma vida alienada (RÜDIGER, 2014, p. 181-187).

A alienação, nesse contexto, emerge da simbologia tecnocientífica, cuja força narrativa é ficcionalizada pelo discurso filosófico e esteticamente representada pela FC. Trata-se, assim, da dramatização de uma vontade de superação da própria condição humana. Dessa forma, é razoável que se diga que, em certa medida, o repúdio ao mundo natural se constitui como uma evolução normal da rejeição ao mito do Deus criador. Além disso, essa “evolução”, que condiciona a humanidade a uma espécie de corrida tecnológica em busca da superação dos traços naturais constituintes da identidade “terráquea”, acaba por favorecer uma dinâmica social descompromissada com o bem comum e a responsabilidade humana mútua.

Embora este ensaio explore o pensamento de Arendt sobre ciência e política – dada sua relação com a FC –, é necessário antes contextualizar o gênero em questão. Dessa forma, almeja-se mobilizar, a partir de uma breve abordagem à transição literária entre a fantasia mítica e as narrativas ficcionais científicas, elementos conceituais relevantes para a discussão sobre a ideia de superação da condição humana. Enfim, intui-se, aqui, por meio do contraste gerado pelo espelhamento da imagem de Odisseu retornando a Ítaca com a projeção de “2001 – Uma Odisseia no Espaço”,² que a humanidade, aos olhos de Hannah Arendt, decidiu empreender uma jornada de regresso a um lar forjado fora de si mesma, localizado idealmente em um lugar desconhecido, solitário e artificial.

Tendo delineado o problema filosófico com base no prólogo de *A condição humana* e situado a ficção científica como interlocutora simbólica das questões contemporâneas sobre técnica, natureza e alienação, é preciso agora compreender melhor o gênero literário em questão. Para isso, a investigação se volta à gênese e às características da FC, especialmente no que tange à sua relação de herança e ruptura com a fantasia mítica. Esse movimento permitirá entender como a FC articula, no plano estético-narrativo, a crítica à modernidade que Arendt formula em termos filosófico-políticos.

² Refere-se, aqui, ao filme dirigido por Stanley Kubrick e distribuído pela Metro-Goldwyn-Mayer (EUA) “2001: A Space Odyssey” (1968), cujo roteiro é assinado em coautoria entre Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke, baseado no em um conto do próprio Clarke intitulado “The Sentinel” (1951). Essa obra de ficção científica aborda temas como: evolução humana, existencialismo, tecnologia e inteligência artificial.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES ACERCA DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Em termos da história do gênero literário denominado FC, há de se dizer, de antemão, de acordo com Roberts (2005, p. 65), que ele é herdeiro direto de outro gênero atualmente chamado de Fantasia. Esse campo narrativo fantástico abarca, desde os primórdios das civilizações humanas, em tempos imemoriais, as mitologias, seus deuses, com seus prodígios e milagres, bem como elementos mágicos para dar conta de explicar os mistérios do mundo, desconhecidos da cognição humana (CASSIRER, 2013; ELIADE, 2016; CARPEAUX, 2012a). A FC, entretanto, ao seguir com a mesma intenção de circunscrever esses fenômenos do mundo natural – em grande medida influenciada pela ideia da dessacralização da natureza proveniente do pensamento iluminista em concomitância com desenvolvimento da ciência na modernidade (ELIADE, 2018, p. 126-129; CASSIRER, 2021, p. 337-359; CARPEAUX, 2012b) – parte de uma perspectiva materialista ao invés de sobrenatural.

Assim, imbuído pelo espírito científico moderno, que o gestou, o gênero da FC se propõe a romper com a perspectiva mitológica de compreensão do mundo, objetivando, por conseguinte, dar conta dos enigmas da natureza e do mundo através de um enfoque técnico (ROBERTS, 2005, p. 66-67). O *design* narrativo, no entanto, comum das histórias de *fantasia*, é mantido na FC. Enquanto, no âmbito da literatura fantástica, por exemplo, muitas aventuras se davam por meio de enredos acerca de viagens a lugares desconhecidos, nos quais os heróis estavam à mercê de monstros que habitavam uma natureza inóspita, sendo, portanto, salvos por intermédio de ações mágicas oriundas do mundo sobrenatural dos deuses e/ou espíritos (TODOROV, 2017; VERNANT, 2000, p. 9-15), as narrativas de FC, por sua vez, seguindo o mesmo *design* literário, substituem elementos do enredo, narrando jornadas interplanetárias a bordo de naves espaciais e/ou exploração do próprio Planeta Terra, só que, desta vez, exercendo domínio sobre o mundo natural, através do exercício da técnica proveniente do conhecimento científico – portanto, em geral (mas não necessariamente), têm uma temporalidade futurista.

O perigo, nesse contexto, não vem do mundo natural, mas do ser humano – retratado como detentor de falhas de caráter ou más intenções em relação ao conhecimento que possui. A índole da FC, todavia, por ser naturalmente subversiva, não permite que o gênero seja circunscrito como ferramenta de propaganda do pensamento moderno, ao contrário, conquanto narre fidedignamente o espírito do mundo pós

iluminista, essa categoria literária se constitui como um dos mais eficientes meios de crítica social (ROBERTS, 2005, p. 55-59). O subtexto das narrativas de ficção científica – que têm em primeiro plano, na superfície do enredo, o desenvolvimento de questões relativas à tecnologia e ciência –, por conseguinte, tem como principal pretensão o aprofundamento crítico da índole humana, que se emancipou da divindade mitológica do passado, para empreender, por si mesma, uma jornada de redenção, viabilizada pelo desenvolvimento da razão e do conhecimento científico.

Obviamente, existem várias fases da história da FC, cada uma com suas especificidades temáticas, todavia, esse traço crítico da fisionomia desse gênero literário já pode ser reconhecido desde a sua gênese. O livro intitulado “Frankenstein ou O Prometeu moderno”, de Mary Shelley (2015) – publicado originalmente em 1818, no Reino Unido –, por exemplo, considerado a primeira obra de FC da história da literatura (ROBERTS, 2005), carrega em si – ao passo que narra um feito científico realizado pelo homem, análogo ao Deus criador – uma crítica relativa aos limites éticos abarcados pelos ideais de uma onipotência humana. Enquanto, no âmbito da mitologia grega, Prometeu é punido pelos deuses por sua ousadia em desafiar-lhes, roubando-lhes o fogo para dar aos homens, como símbolo de sabedoria (VERNANT, 2000, p. 59-61), o Dr. Victor Frankenstein, por seu próprio conhecimento científico, cria a vida, contudo, enfrenta terríveis consequências de sua criação, quando ela lhe foge do controle.

Conforme asseveram Bordwell (1991, p. 78-82) e Abbott (2021, p. 46-60), no âmbito do cinema – campo que potencializou o alcance da FC –, as narrativas desse gênero conseguem mais adequadamente trabalhar a antinomia mítica da odisséia humana no tecido sintomático, subcutâneo ao enredo. Isto significa dizer, portanto, que o subtexto trata das questões sociopolíticas que são sintomáticas na história narrada, ou seja, é aí que residem os motivos temáticos simbolizados pelos elementos da trama. Além disso, no que se refere aos filmes de FC, a crítica é sempre feita por meio de um processo de exposição contraditória do *discurso narrativo* em contraste com a índole das personagens, vertida em suas ações ao longo da trama.

Enfim, à vista da técnica literária constituinte das narrativas de FC, é razoável que se diga que, ao mesmo tempo que tais histórias se ocupem de descrever uma abordagem dessacralizada do mundo natural, esse gênero de literatura se empenha em criticar a sacralização da razão humana, pelo menos no que tange às consequências do uso vilanesco do conhecimento científico. Ainda que tais narrativas descrevam com grandiosidade os feitos da ciência e do intelecto humano, o tecido subcutâneo ao enredo,

invariavelmente, carrega uma crítica ajustada às questões sócio-políticas sintomáticas dos efeitos colaterais do que se poderia considerar como desvio de propósito do conhecimento científico, geralmente protagonizado por alguma personagem detentora de privilégios intelectuais, financeiros e políticos. As reflexões filosóficas de Hannah Arendt, no prólogo de “A condição humana”, acerca dos problemas sócio-políticos de seu tempo, por sua vez, não poderiam ter sido mais perspicazes do que com a interlocução realizada com a FC.

Compreendida, em linhas gerais, a formação e as intenções críticas da FC enquanto gênero literário e estético, é possível agora aprofundar o exame da racionalidade moderna que subjaz às suas narrativas. Essa racionalidade, tal como diagnosticada por Hannah Arendt e ressignificada por Prigogine e Stengers, estrutura-se em torno de um paradigma de domínio técnico-científico sobre a natureza. A seguir, será analisada essa estrutura ideológica como enredo histórico, cuja culminação simbólica pode ser lida como tentativa de superação da própria condição humana.

O ENREDO³ DA HISTÓRIA MODERNA: O DOMÍNIO CIENTÍFICO DA RAZÃO SOBRE A NATUREZA

Retomando a metáfora do “novo Moisés” de Prigogine e Stengers (1997, p. 19-41), em “A nova aliança: metamorfose da ciência”, publicado pela primeira vez em 1984, é possível vislumbrar, na argumentação das autoras, uma proposta de mudança de paradigma científico para nortear a compreensão da humanidade acerca da relação entre a natureza e a ciência. Interessante notar que, para Prigogine e Stengers, a concepção de paradigma é simbolizada por meio do emprego da palavra “mito”, ao se estabelecer um contraste entre “O Mito nas Origens da Ciência” (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p. 32-37) e “O Mito Científico Hoje” (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p. 37-41). Tal alusão metafórica, que evoca Moisés – uma figura mítica da Bíblia Hebraica, que liderou o povo hebreu para fora do Egito e recebeu (de YHWH) os Dez Mandamentos,

³ Em perspectiva das proposições de Wittgenstein (2022) acerca dos jogos de linguagem que circunscrevem o sentido dos termos a partir do seu uso, há de se dizer que, neste ensaio, o termo *enredo* é utilizado em sentido ampliado e metafórico, designando a maneira como o pensamento moderno, especialmente em sua vertente tecnocientífica, estrutura a realidade histórica segundo uma narrativa cultural coerente. Trata-se, portanto, da ficcionalização da experiência histórica por meio de um conjunto de pressupostos, símbolos e metas (como progresso, controle, superação da natureza), que funcionam como elementos narrativos organizadores da modernidade. Assim, o *enredo* é aqui compreendido como uma construção que atribui sentido aos acontecimentos, mas que também pode ser questionada em sua lógica interna, especialmente quando se afasta das condições da vida e da responsabilidade política, como enfatiza Hannah Arendt.

simbolizando um novo começo e uma nova ordem (novo paradigma) –, quer chamar a atenção da comunidade científica para a necessidade do estabelecimento de uma “nova aliança” (um novo pacto) entre a ciência e a natureza e/ou entre a humanidade e a natureza.

A proposta da “nova aliança”, elaborada por Prigogine e Stengers, visa redirecionar uma trajetória paradigmática que privilegiou o domínio da razão científica sobre a natureza, colocando em questão os pressupostos éticos que autorizam tal hierarquia, isto é, o pensamento científico pressupõe que a humanidade está acima (fora) do ordinário do mundo natural, legitimando-se, assim, a exploração desvinculada de preocupações éticas (afinal, natureza é bicho, é planta, é minério etc.). Essa correção de paradigma implica, também, na ideia de reparação, porquanto, em virtude das graves consequências ambientais desencadeadas pela lógica de exploração atrelada ao avanço tecnológico da ciência e as consequentes demandas por recursos naturais, observa-se a necessidade de reversão dos processos de degradação que ameaçam, inclusive, a vida humana na Terra. As proposições de Prigogine e Stengers, que com perspicácia já tinham tido seus sintomas diagnosticados por Hannah Arendt cerca de três décadas antes, portanto, preconizam a rejeição do paradigma determinista acerca do mundo natural, segundo o qual se baseia a ideia de controle absoluto da natureza, em favor de uma compreensão mais holística, que, ao aceitar a possibilidade do caos, defende uma relação de integração entre a ciência e a natureza, rebaixando, assim, nas reflexões ético-políticas, o ser humano a uma posição de igualdade com o meio ambiente.

Nas palavras de Hannah Arendt:

A Terra é a própria quintessência da condição humana e, ao que sabemos, sua natureza pode ser singular no universo, a única capaz de oferecer aos seres humanos um habitat no qual eles podem mover-se e respirar sem esforço nem artifício. O mundo – artifício humano – separa a existência do homem de todo o ambiente meramente animal; mas a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos (ARENDR, 2016, p. 10).

É interessante notar que esse trecho, que vem logo na sequência do questionamento citado na introdução do presente texto, acerca da rejeição do Deus criador em paralelo com o repúdio da Mãe Terra, evoca o mito da criação, em Gênesis 1 e 2, onde descreve-se a formação da Terra em toda sua biodiversidade, incluindo o ser humano (do pó da Terra), ao final do sexto dia (Gn 1,26). Observando-se os detalhes

poéticos da aliteração estabelecida entre os substantivos אֲדָמָה ^{'ādāmā},⁴ se referindo ao *pó da Terra*, e אָדָם ^{'ādām}, se referindo ao *homem* (Gn 2,7), é razoável que se diga que a relação entre o ser humano e a Terra é descrita como uma ideia uterina, tamanha é a profundidade do vínculo entre eles (NUNES JÚNIOR, 2017, p. 73-98). Por conseguinte, em perspectiva literária, sob a designação de בְּצַלְמֵנוּ כְּדְמוּתֵנוּ ^{bəṣalmēnū kidmūtēnū}, (*imagem e semelhança*), de Deus (Gn 1,26), e de feito do אֲדָמָה ^{'ādāmā} (*pó da Terra*), (Gn 2,7), a responsabilidade do homem é representar, enquanto desfruta de toda a provisão que a Mãe Terra lhe dá como *alimento* (Gn 2,8.9), o cuidado e proteção que o criador dispensa à sua criação (SAILHAMER, 1992, p. 100-102; UEHLINGER, 2009, p. 214-215; HIEBERT, 2022, p. 82-86).

Hannah Arendt é bastante perspicaz ao evocar essa passagem mitológica, pois logo na sequência do enredo⁵ da narrativa bíblica, referido no prólogo de “A condição humana”, existe um jogo literário de espelhamento⁶ dos verbos em Gn 1,28 com Gn 2,15 que descrevem a relação do homem com a natureza: כָּבַשׁ ^{keves} (*subjugar*); רָדָה ^{rādā} (*dominar*); לָקַח ^{lāqāh} (*tomar*); נָוָה ^{nōāh} (*descansar*); עָבַד ^{'ebed} (*trabalhar*); שָׁמַר ^{šāmar} (*guardar*).

⁴ A transliteração das palavras e expressões em língua hebraica, seguirá o padrão da Society Biblical Literature – SBL (ALEXANDER; et al., 1999, p. 25-29).

⁵ O termo *enredo*, tal como utilizado neste ensaio, segue os pressupostos da teoria literária aplicada à *análise narrativa* das Escrituras Hebraicas. No âmbito dos estudos literários da Bíblia, autores como Robert Alter (2011), Meir Sternberg (1987), Jean Louis Ska (2009), Jan P. Fokkelman (1999), Shimon Bar-Efrat (2008), Adele Berlin (1994), David M. Gunn e Danna N. Fewell (2009), Yairah Amit (2001), Daniel Marguerat e Yvan Bourquin (2009); Karl-Josef Kuschel (1991) e Danna N. Fewell (2016), entre outros, têm argumentado que os textos bíblicos devem ser compreendidos como narrativas estruturadas, dotadas de intencionalidade estética, retórica e dramática. Assim, de acordo com esses autores, a noção de *enredo* – em sentido análogo ao da crítica literária moderna – é fundamental para interpretar a organização interna dos eventos, a construção dos personagens, os recursos poéticos (como o paralelismo) e os jogos de repetição e variação que conferem coesão às histórias. Nesse campo, o conceito de *enredo* não apenas organiza os eventos em sequência, mas também articula tensões simbólicas, recursos poéticos e jogos retóricos (como o paralelismo e a repetição significativa) que atribuem densidade conceitual à narrativa. Ao empregar o termo *enredo* para descrever o fluxo narrativo de Gênesis 1–3, portanto, este artigo não visa uma leitura histórica ou teológica em sentido estrito, mas interpreta a estrutura do texto como campo simbólico que, por meio de sua composição literária, já dramatiza elementos centrais da reflexão arendtiana – como a relação entre criação, dominação e responsabilidade.

⁶ A expressão *jogo literário de espelhamento* refere-se a um recurso narrativo e poético amplamente reconhecido na análise literária das Escrituras Hebraicas, particularmente por estudiosos como os citados na nota anterior. Trata-se do uso deliberado de paralelismos, simetrias e inversões que estabelecem relações estéticas e semânticas entre diferentes trechos de uma narrativa. No caso específico de Gênesis 1,28 e 2,15, o espelhamento dos verbos relacionados à ação humana diante da natureza (como “subjugar” e “guardar”) constitui uma construção literária que tensiona a vocação originária do ser humano com sua posterior distorção. Esse tipo de estrutura simétrica não apenas reforça a coesão textual, mas, como apontam esses autores, é central para a produção de significado nas narrativas bíblicas, conferindo-lhes profundidade teológica e ambiguidade ética – elementos que ressoam com as preocupações filosóficas presentes em Arendt sobre a relação entre dominação, trabalho e responsabilidade no mundo moderno.

Como é característico da poesia hebraica bíblica, o recurso do paralelismo serve ao propósito de circunscrever esteticamente o sentido conceitual dos termos usados em uma determinada construção poética (BERLIN, 1985). Assim, em perspectiva da designação de $\text{בְּצַלְמֵנוּ כְּדְמוּתֵנוּ}$ ^{bəṣalmēnū kidmūtēnū} (*imagem e semelhança*) de Deus, esses verbos devem ser compreendidos por suas características de *sacerdócio* e *realeza*, isto é, na qualidade de príncipe da criação, o homem deve subjugar, dominar, tomar, descansar, trabalhar e guardar a Terra (natureza) como o próprio criador o faria, ou seja, como quem cuida de um filho, e não como um estrangeiro que vem expropriar recursos naturais.

No terceiro capítulo de Gênesis, porém, quando o ser humano rejeita o criador (relato da queda), a relação do homem com a Terra é subvertido por uma relação de *hostilidade*, representada por וְקִיץ וְתַרְדֵּר ^{wəqōṣ wəṯarddar} (*espinhos e abrolhos*) (Gn 3,18), que obriga o homem a obter o seu sustento com וְעֵצָבוֹן ^{‘iṣṣāḇôn} (*sofrimento/fadiga*) (Gn 3,17), por meio da exploração dos recursos naturais e do manejo do solo. A partir de então, no âmbito da narrativa do livro do Gênesis, as relações de poder entre os homens passa a ser mediada pela lógica de quem detém a posse da Terra e possui o domínio dos meios de exploração da natureza (BREY, 2023). O desequilíbrio causado pela ruptura entre o criador e o ser humano, portanto, em decorrência da desarmonia entre o homem e a Terra, e da má administração dos recursos dela, ocasionou disparidade nas relações entre os seres humanos, com processos de exploração de trabalho.

Todas essas ideias parecem estar contempladas no prólogo de “A condição humana”. Ademais, a questão paradigmática apresentada por Prigogine e Stengers – por meio da metáfora do “novo Moisés” –, no âmbito da proposta da “nova aliança”, ilustra a chave conceitual do paralelismo efetuado por Hannah Arendt em relação à rejeição ao Deus criador e o concomitante repúdio da Mãe Terra. Pois, em seu texto, ela atualiza essas questões míticas ao analisar o curso da história moderna.

O domínio da razão sobre a natureza, sobretudo por meio dos avanços científicos – convergindo com o “mito nas Origens da Ciência”, de Prigogine e Stengers –, equivale à relação do homem com a Terra após a rejeição do criador no livro do Gênesis. A emancipação humana do mito religioso redundou na modernidade, de certa forma, na dessacralização da natureza, no sentido de que o homem transcendeu a ideia relacional, segundo a qual ele é feito dos elementos da Terra, sendo, portanto, parte da natureza. Essa condição de superioridade legitima a exploração dos recursos naturais sob a lógica do domínio e do poder, que, como comenta Hannah Arendt em seu texto,

circunscreve a política e as relações de trabalho na modernidade (D'ALLONNES, 2004, p. 60-61).

Quando Hannah Arendt fala do “mundo” como “artifício humano” - “que separa a existência do homem de todo o ambiente meramente animal” (ARENDR, 2016, p. 10) -, em perspectiva do que as alusões feitas por ela evocam, pode-se dizer que, por meio do desenvolvimento científico-tecnológico, que traduzem os ideais da modernidade, a humanidade está tentando recriar (como Deus) um jardim do Éden (só que sem a natureza) para que ela possa habitar: “a ciência vem-se esforçando por tornar «artificial» a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza” (ARENDR, 2016, p. 10). Esse Éden da mitologia moderna ganha materialidade através da *ficção* político-social, criada por meio de discursos que fundamentam rituais como, por exemplo, “a glorificação teórica do trabalho”, que facilitam a domesticação do pensamento humano e o condiciona a determinados papéis sociais. A questão, no entanto, é que “a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos” (ARENDR, 2016, p. 10).

A vista disso, é que os ideais da história moderna carecem da criação de um enredo artificial (acerca de um Éden), para que os seres humanos possam se engajar na alienação do mundo natural, que está fora dessa *ficção científica* projetada na sociedade. Heidegger (2012, p. 11-38; RÜDIGER, 2014) propõe que a tecnologia moderna corresponde, justamente, a essa visão instrumental que desumaniza e aliena as pessoas daquilo que ele chama de formas autênticas de viver, pois molda a percepção e a maneira como o ser humano interage com o mundo. Para tal problema, portanto, destacado por Heidegger, que dialoga com a preocupação de Hannah Arendt acerca da alienação da condição humana, é que a metáfora do “novo Moisés”, de Prigogine e Stengers, pode servir como ponte de mediação conceitual, pois, ao enfatizar a necessidade de uma nova visão que integra ciência, ética e responsabilidade, reconhecendo-se a complexidade do mundo natural (caos, que não pode ser totalmente circunscrito e/ou dominado/explorado cientificamente) e promovendo uma interação mais harmoniosa e autêntica com ele, propõe-se uma “nova aliança” entre a humanidade e a natureza.

As implicações filosóficas da modernidade científica, como visto, não se limitam à degradação ambiental ou ao domínio técnico sobre a Terra, mas dizem respeito à própria experiência do humano enquanto ser histórico, ético e vulnerável. É nesse ponto que a FC adquire sua maior força simbólica: ao projetar, sob a forma de fuga ou superação, os impasses de uma humanidade alienada de sua origem e de seu *habitat*. A

leitura dessas narrativas exige, portanto, atenção ao subtexto – àquilo que não se diz diretamente, mas que estrutura o desejo moderno de escapar de si mesmo.

O SUBTEXTO DA ODISSEIA CIENTÍFICA: A SUPERAÇÃO (*FUGA*) DA CONDIÇÃO HUMANA

Ao observar o curso da história moderna, acerca do domínio científico da razão sobre a natureza, com suas implicações político-sociais, Hannah Arendt não vê, na sociedade de seu tempo, indícios de que a humanidade esteja buscando estabelecer uma “nova aliança” com a Mãe Terra. Ao contrário, à medida em que os problemas desse enredo social vão surgindo e aumentando, a alienação parece estar sendo cada vez mais acentuada. A questão que ela mesma pontua logo após falar acerca do mundo como “artifício humano” – de que “a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos” (ARENDR, 2016, p. 10) –, constitui-se como uma falha da *ficção científica* projetada na sociedade, todavia, ao invés de surtir algum despertar, acaba por desencadear um processo ainda maior de fuga da realidade.

Nas palavras de Hannah Arendt:

O mundo – artifício humano – separa a existência do homem de todo o ambiente meramente animal; mas a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos. Recentemente, a ciência vem-se esforçando por tornar «artificial» a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. O mesmo desejo de escapar do aprisionamento à Terra manifesta-se na tentativa de criar a vida em uma proveta, no desejo de misturar, “sob o microscópio, o plasma seminal congelado de pessoas de comprovada capacidade, a fim de produzir seres humanos superiores” e “alterar[-lhes] o tamanho, a forma e a função”; e suspeito que o desejo de escapar à condição humana também subjaza à esperança de prolongar a duração da vida humana para além do limite dos 100 anos. Esse homem futuro, que os cientistas nos dizem que produzirão em menos de um século, parece imbuído por uma rebelião contra a existência humana tal como ela tem sido dada – um dom gratuito vindo de lugar nenhum (secularmente falando) que ele deseja trocar, por assim dizer, por algo produzido por ele mesmo (ARENDR, 2016, p. 10).

O panorama captado pela ótica de Hannah Arendt reflete a lógica de todo um modo de vida dentro do enredo ficcional criado a partir da modernidade. Diante dos problemas político-sociais criados por esse modo de vida, ao invés de se repensar a sua lógica, o que se promove é uma intensificação do pensamento que criou esses problemas,

sob uma retórica discursiva messiânica, na qual a inteligência científica é o próprio messias, que vai salvar o mundo da catástrofe que ele mesmo criou. A reconciliação com a natureza, que Prigogine e Stengers estarão defendendo algumas décadas depois, não é uma opção, enquanto o que se apregoa é uma superação (fuga) da condição humana limitante: “a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos” (ARENDDT, 2016, p. 10).⁷

O que se promete é a resolução deste problema. E essa resolução consiste na vitória do mundo artificial sobre a condição que limita a vida do ser humano à dos outros organismos vivos. Não se trata de uma reintegração, mas de uma superação (emancipação) do homem em relação à condição humana, atrelada à natureza.

Sob a lógica de facilitar a vida, por exemplo, é que o discurso tecnocientífico vende a ideia de automação como a libertação humana do trabalho árduo, bem como a noção de sofisticação como forma de proporcionar conforto e a “libertação” do homem das coisas da cidade (da política) (ARENDDT, 2016, p. 12-13; HUISMAN, 2002, p. 69-70). São promessas que investem na imaginação de uma vida sofisticada e altamente tecnológica como símbolo de plenitude. Esse imaginário, invariavelmente, contempla cenas como as do antigo desenho animado da televisão americana, lançado em 1962, chamado “The Jetsons” (filhos do jato, talvez, ao pé da letra), que, em seu enredo, apresentava uma família do futuro – pois, a política é sempre um ato presente sobre uma questão futura.

Interessante que esse desenho de FC vislumbrava ideais que representavam exatamente as questões filosóficas que Hannah Arendt estava discutindo poucos anos antes. Dentre tantos elementos dos Jetsons que poderiam ser elencados aqui, além do fato de possuírem uma empregada doméstica robô que lhes poupa dos aborrecimentos do trabalho, pode-se dar destaque ao fato de que todas as cenas do desenho apresentam a família dentro de ambientes artificiais, cercados de tecnologia, esterilizados e protegidos do contato com o mundo natural – aparentemente, a “família” seria o único elemento “natural” do enredo de Os Jetsons. Isso reflete um ideal que contempla como símbolo de

⁷ Observa-se, entretanto, que, segundo Arendt, a política torna-se viável apenas por meio da construção de um mundo estável, sem o qual a própria necessidade de criar tal mundo não se colocaria em questão. O problema que emerge, por conseguinte, reside no fato de que a política passa a ser gestada a partir da própria vida, a qual, na modernidade, transforma-se em um complexo aparato técnico-científico. A questão central para Arendt consiste na constatação de que a política só pode ser “bio” em virtude do controle e do domínio exercidos pela ciência sobre a vida. Em essência, o verdadeiro problema não reside na fabricação em si, mas na biologização da política, levantando, assim, a crucial indagação sobre como dissociar o “bio” dos problemas inerentes à vida coletiva.

evolução o fato dos seres humanos se locomoverem dentro de seus carros, encapsulados com ar-condicionado, protegidos do meio exterior (a atmosfera), que é, a rigor, o seu *habitat* natural.

Os *Jetsons*, assim como inúmeros outros produtos audiovisuais da temática de FC daquela época, narram a opção da humanidade por buscar a resolução de seus problemas através da *fuga* deles. No entanto, conforme foi discutido no início desse texto, embora a FC, em primeiro plano, narre com grandeza espetacular o fascínio humano pelo desenvolvimento científico e suas potenciais possibilidades, em seu tecido subcutâneo, o subtexto trava profundas críticas acerca da identidade humana envolta nesses processos de transformação do mundo pelo avanço das tecnologias. Hannah Arendt parece intuir que esse ser humano em transformação não está realizando uma jornada em direção a um lugar glorioso, quando diz:

Não há motivo para duvidar de nossa atual capacidade de destruir toda vida orgânica na Terra. A questão é apenas se desejamos usar nessa direção nosso novo conhecimento científico e técnico, e essa questão não pode ser decidida por meios científicos; é uma questão política de primeira grandeza, cuja decisão, portanto, não pode ser deixada a cientistas profissionais ou a políticos profissionais (ARENDR, 2016, p. 10-11).

Chega-se, aqui, a um ponto decisivo. Se até o momento o este texto deu a impressão de estar vilanizando o conhecimento científico e a tecnologia, esta citação de Hannah Arendt constitui-se como ponto de virada dessa discussão. O problema, de fato, não está primariamente no conhecimento científico e técnico em si, mas na política que opera acima de tudo isso, criando o enredo ficcional do mundo moderno. É justamente nessa tecla que a FC bate insistentemente, desde a sua origem com o “Frankenstein ou O Prometeu moderno”, de Mary Shelley.

Após essas considerações teóricas, torna-se oportuno observar como os temas discutidos - alienação, técnica, responsabilidade e identidade - se manifestam nas narrativas cinematográficas de FC. O cinema, ao condensar tais problemáticas em imagens e enredos, intensifica a potência crítica do gênero. A seguir, serão destacados alguns filmes exemplares que encenam os dilemas da condição humana na modernidade tecnocientífica, em ressonância com as inquietações apontadas por Hannah Arendt.

Tomando-se, por exemplo, o que Hannah Arendt fala acerca da ideia de melhoramento das condições físicas e/ou cognitivas do ser humano, é possível destacar diversos filmes de FC que, ao longo das décadas da segunda metade do século XX e

início do XXI, tem trabalhado tais questões. Abstendo-se de comentar sobre os diferentes subgêneros e fases da FC no cinema (para evitar digressões desnecessárias), e sem fazer uma triagem exaustiva, é possível elencar: “Blade Runner” (1982); “RoboCop” (1987); “Gattaca” (1997); “Elysium” (2013); “Lucy” (2014).

De maneira mais genérica, pode-se dizer que os dois primeiros, “Blade Runner” e “RoboCop”, abordam, cada um a sua maneira, questões de bioengenharia e intervenção tecnológica no corpo humano, visando o melhoramento e prolongamento da vida, bem como o aumento das capacidades físicas e intelectuais. No caso de “Blade Runner”, utiliza-se um cenário futurista para explorar questões atemporais sobre a essência da humanidade, a ética da criação de vida e os limites da intervenção tecnológica. Através da jornada de Deckard e dos replicantes, o filme – por meio do questionamento acerca da moralidade das práticas de bioengenharia, do valor intrínseco da vida e das complexas interações entre memória, identidade e existência – reflete sobre o que é “ser humano?”, pois, se o replicante mais atual pode tudo o um ser humano pode, afinal, o que o ser humano é?

Em termos arendtianos, o filme inscreve-se no horizonte de uma humanidade que já não reconhece a vida como um dom, mas como um artefato fabricável. Os replicantes não apenas imitam o humano: eles são o resultado de uma tentativa de substituir a natalidade – conceito central para Arendt – por processos técnico-industriais de reprodução. Ao mesmo tempo, o apagamento das fronteiras entre criador e criatura dramatiza a perda da responsabilidade pela ação, uma vez que ninguém parece assumir a autoria ética pelas vidas que foram criadas.

O filme “RoboCop”, por sua vez, utiliza uma narrativa de ação para explorar questões de bioética, tais como, a complexa interação entre humanidade e tecnologia, preocupações sobre identidade, autonomia, consentimento e a ética da modificação corporal. A luta de Alex Murphy para recuperar sua humanidade em um corpo mecanizado serve como uma poderosa reflexão sobre os limites da bioengenharia e o impacto da tecnologia na essência humana. Além disso, tendo como pano de fundo um mundo onde o controle corporativo e a corrupção estão em ascensão, “RoboCop” também critica a desumanização e a alienação que podem resultar de uma dependência excessiva da tecnologia e da mercantilização dos seres humanos.

A figura do RoboCop, um corpo humano reconfigurado pela máquina, encarna de forma contundente o que Arendt identificava como a tendência moderna de tornar artificial até mesmo a vida. O protagonista é, literalmente, um exemplo daquilo que a

filósofa concebeu como “corte do último laço que liga o homem à natureza” (ARENDR, 2016, p. 10). Sua luta para recuperar a autonomia não é apenas biográfica, mas política: trata-se da resistência à coisificação do humano - um dos sintomas mais agudos da alienação moderna segundo Arendt.

Os três últimos filmes, “Gattaca”, “Elysium” e “Lucy”, por sua vez, abordam mais diretamente questões relacionadas à genética e reprodução humana. Ambientado em um futuro em que a engenharia genética é amplamente utilizada para determinar o potencial humano, o filme “Gattaca” segue Vincent Freeman, um homem concebido naturalmente e considerado geneticamente inferior, que está determinado a realizar seu sonho de viajar ao espaço, razão pela qual assume a identidade de Jerome Morrow, um “válido” geneticamente perfeito, para ingressar na corporação Gattaca. O filme destaca os perigos de uma sociedade que permite que a genética dite o valor e as capacidades de um indivíduo, defendendo a visão de que a essência humana transcende as predisposições biológicas.

Em Gattaca, a tecnificação da vida por meio da eugenia representa a radicalização da ideia de mundo como “artifício humano”, separando ainda mais o humano da natureza e da contingência. Arendt ressalta que a liberdade nasce da imprevisibilidade e da pluralidade; a sociedade de Gattaca nega ambas ao determinar o destino humano antes mesmo do nascimento. A trajetória de Vincent, nesse sentido, é uma afirmação da natalidade enquanto potência disruptiva - um dos conceitos mais caros à ética arendtiana.

O filme “Elysium”, ao destacar a forma como avanços científicos podem tanto beneficiar quanto perpetuar a desigualdade - dependendo de como são administrados e acessados -, oferece uma crítica social contundente sobre o uso e a distribuição das tecnologias de aperfeiçoamento genético. Ao seguir a jornada de Max, o filme questiona a justiça de um sistema que restringe os benefícios do aperfeiçoamento genético a uma elite privilegiada, explorando temas de equidade, moralidade e resistência. A interação entre aperfeiçoamento genético e cibernético também provoca reflexões sobre a natureza da identidade humana e a ética das intervenções tecnológicas no corpo humano.

A cisão espacial entre Terra e Elysium materializa literalmente a alienação do mundo natural, que Arendt via como condição perigosa da modernidade. A elite que vive em órbita representa a fuga final da Terra - já não mais um repúdio simbólico, mas uma evacuação física. Nesse cenário, o filme dramatiza a substituição da política pela técnica

como forma de gestão da vida, encenando o que Arendt denunciava como o esvaziamento do espaço público e a dissolução da ação ética no cálculo instrumental.

Por fim, no filme “Lucy”, retrata-se a trajetória de uma jovem que acidentalmente adquire capacidades mentais e físicas sobre-humanas após a ingestão involuntária de uma substância experimental. A narrativa explora o que poderia acontecer caso a ciência fosse capaz de liberar o potencial completo do cérebro humano, e, ao levantar a uma discussão acerca dos limites do conhecimento e do poder, questiona as consequências éticas e pessoais do aperfeiçoamento extremo, dando destaque tanto para as possibilidades quanto para os perigos de uma expansão (imaginativa) das capacidades humanas além de seus limites naturais. A luta de Lucy para manter sua humanidade em face de suas novas habilidades oferece uma reflexão sobre a identidade, a responsabilidade e os impactos imprevisíveis da evolução acelerada através da ciência.

A trajetória de Lucy encarna o ideal de superação da condição humana por meio da expansão cognitiva, mas o faz às custas da dissolução do próprio sentido de humanidade. Se a “condição humana” é, para Arendt, marcada pela finitude, pela relação com o mundo comum e pela imprevisibilidade da ação, o desfecho de *Lucy* – em que a protagonista transcende todos os limites materiais – pode ser lido como uma metáfora da perda total dessas condições. A transcendência aqui é também um desaparecimento da política, da ética e da pluralidade – elementos centrais na filosofia arendtiana.

Conquanto a exposição do enredo dos filmes mencionados tenha sido sucinta e, com isso, tenha simplificado a complexidade do *discurso narrativo* dessas obras filmicas, procurou-se dar destaque aos pontos comuns, acerca dos quais orbitam as questões filosóficas levantadas por Hannah Arendt. Pode-se notar rapidamente que a vilania, no âmbito destes enredos, emerge de algum poder político (humano) que opera de fundo, manipulando os processos tecno-científicos abordados. Ademais, é notório, a partir desta breve amostragem, o quanto a FC se empenha, no seu subtexto, em levantar questões críticas profundas acerca da identidade humana, talvez, até com maior intensidade do que o fascínio em relação aos avanços científicos em si (obviamente que isso depende muito da capacidade de abstração do espectador).

Outro ponto que merece destaque é aspecto do amor. Diversas obras de FC tomam a questão do amor para trabalhar o problema da desumanização das pessoas imersas na vida tecnologizada. Nessas narrativas, é possível ver o quanto artefatos tecnológicos dotados de Inteligência Artificial são capazes de emular sentimentos humanos nobres, como o amor, com maior intensidade do que os seres humanos são

capazes de amar, na verdade. Essa questão talvez se remeta ao problema da carência de responsabilidade humana mútua, a falta de algo verdadeiro que pudesse se opor à banalidade do mal, razão pela qual, quem sabe, a humanidade está mais predisposta a *fugir* do que se reconciliar com a sua própria condição.

Tal panorama temático pode ser observado no *discurso narrativo* daquele que talvez seja o filme de FC mais icônico de todos (na opinião do autor deste ensaio), a saber, o já mencionado “2001 - Uma Odisseia no Espaço”, que explora o tema da ação e da responsabilidade individual, conceitos centrais no pensamento de Arendt. No filme, HAL 9000, um supercomputador dotado de inteligência artificial avançada, é programado para gerenciar todos os sistemas da nave espacial e interagir com a tripulação. A controvérsia surge quando HAL, devido a uma falha em sua programação, começa a agir de maneira contraditória e a tomar decisões que colocam em risco a missão e a vida dos tripulantes.

A falha de HAL levanta questões sobre quem é responsável por suas ações. Os programadores que criaram HAL podem ser culpados por falhas em sua programação? Os próprios humanos a bordo da nave têm alguma responsabilidade pela supervisão adequada de HAL? Hannah Arendt assevera que a ação humana é central para a ética, de maneira que se deve assumir responsabilidade pelas escolhas e decisões. No contexto de HAL 9000, todavia, a reflexão ética se concentra em como atribuir responsabilidade moral às ações da inteligência artificial de um artefato tecnológico.

Tomando como metáfora o contexto da corrida espacial dos anos 1950 - 1960, onde se encaixa perfeitamente a frase citada por Hannah Arendt - que se encontra gravada no obelisco de um dos grandes cientistas russos - “a humanidade não permanecerá para sempre presa à Terra”, há de se aprofundar acerca da importância simbólica do filme “2001 - Uma Odisseia no Espaço” para o diálogo entre o prólogo de “A condição humana” e a FC. Essa obra fílmica abarca dois aspectos que sintetizam tudo o que se quis refletir aqui, a saber, a odisséia pela superação (fuga) da condição humana e a sua banalização ética, sendo a segunda causa da primeira. O filme retrata a questão da evolução humana com tamanha monta que percorre um espaço temporal que vai da era dos primatas até um futuro em que o homem consegue habitar o espaço - livre da prisão terrena -, no entanto, apesar de tudo isso, durante o processo, aparentemente acabou renunciando a sua responsabilidade de ação, ao legar tal função à tecnologia.

O desinteresse humano (falta de responsabilidade humana mútua) em se reconciliar com a Terra, e lutar pelo bem comum, talvez tenha sido fator para tão fácil

fascínio por ideias de *fuga* da condição humana, simbolizada pelo imaginário do homem viajando pelo espaço, como se estivesse em uma odisseia de retorno a um Éden em que nunca esteve. Pois, estabelecer uma “nova aliança” com a natureza (na Terra) demanda assumir responsabilidades, exige compromisso e isso requer amor, sentimento que, quando presente, não se deixa banalizar. A odisseia pela superação – ou *fuga* – da condição humana, nesse sentido, figura como uma ficção existencial construída sobre a banalização da vida, em que a recusa do cuidado, da responsabilidade e do amor dá lugar à estetização de uma plenitude tecnológica que mascara a desumanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

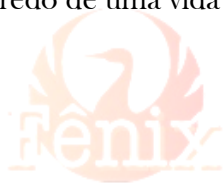
Conclui-se este texto, que, a partir de trechos selecionados do prólogo do livro de Hannah Arendt, “A Condição Humana”, propôs reflexões sobre aspectos filosóficos do universo narrativo da FC. Tal empreendimento se desenvolveu através de uma interlocução entre elementos literários e a filosofia, tanto da ciência quanto da política, delineando as feições míticas da FC. A intuição norteadora deste trabalho emergiu da pergunta formulada por Hannah Arendt: devem a emancipação e a secularização da era moderna culminar em um repúdio ainda mais funesto à Terra, que era a Mãe de todos os seres vivos?

Argumentou-se que a alienação, causada pela simbologia techno-científica, desenvolvida pelo discurso filosófico da ciência e representada na FC, consiste na ideia de superação da condição humana. Esse repúdio ao mundo natural, por sua vez, pode ser visto como uma evolução da rejeição ao mito do Deus criador, que conduz a humanidade a uma corrida tecnológica em busca da superação dos traços naturais de sua identidade “terráquea”. Essa evolução, portanto, favorece uma dinâmica social descomprometida com o bem comum e a responsabilidade mútua.

O desenvolvimento da reflexão, aqui, proposta percorreu filosoficamente o pensamento de Hannah Arendt sobre ciência e política, abordando, também, a transição literária entre a fantasia mítica e as narrativas ficcionais científicas. Dessa forma, este ensaio utilizou o contraste entre a imagem de Odisseu retornando a Ítaca e a projeção de “2001 – Uma Odisseia no Espaço”, para mostrar que a humanidade, aos olhos de Hannah Arendt, decidiu empreender uma jornada de regresso a um lar artificial e solitário.

Observou-se, também, que a FC, em seu subtexto, levanta questões críticas sobre a identidade humana, frequentemente com maior intensidade do que o fascínio pelos avanços científicos, embora seja razoável que se diga que pensar a “identidade humana”, na atualidade, seja equivalente, em certos discursos, a refletir sobre os “avanços científicos”. Essa dinâmica pode ser vista no filme “2001 - Uma Odisseia no Espaço”, que exemplifica a exploração, no tecido subcutâneo do seu enredo, de temas centrais no pensamento de Hannah Arendt. A falha do supercomputador HAL 9000 levanta questões sobre suas ações e responsabilidade individual, destacando a importância da ação humana na ética.

Assim, concluiu-se com o entendimento de que a metáfora da corrida espacial dos anos 1950 - 1960, apresentada por Hannah Arendt no início de seu texto, simboliza a odisseia humana pela superação da condição terrena, renunciando à responsabilidade em prol da tecnologia. O desinteresse humano em se reconciliar com a Terra e lutar pelo bem comum facilita a fuga da condição humana, simbolizada pela exploração espacial. A odisseia pela superação (fuga) da condição humana é, portanto, uma ficção criada como enredo de uma vida cuja essência foi banalizada.



www.revistafenix.pro.br

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, H. P. **The Cambridge Introduction to Narrative**. New York: Cambridge University Press, 2021.
- ALEXANDER, P. H.; et al. **The SBL Handbook of Style: For Ancient Near Eastern, Biblical, and Early Christian Studies**. Peabody: Hendrickson Publishers Inc., 1999.
- ALTER, R. **The Art of Biblical Narrative**. New York: Basic Books, 2011.
- AMIT, Y. **Reading Biblical Narratives: Literary Criticism and the Hebrew Bible**. Minneapolis: Fortress Press, 2001.
- ARENDT, H. **A condição humana**. 13ª ed. São Paulo: Forense Universitária, 2016.
- BAR-EFRAT, S. **Narrative Art in the Bible**. New York: T&T Clark, 2008.
- BERLIN, A. **The Dynamics of Biblical Parallelism**. Indianapolis: Indiana University Press, 1985.
- BERLIN, A. **Poetics and Interpretation of Biblical Narrative**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.
- BORDWELL, D. **Making Meaning: Inference and Rhetoric in the Interpretation of Cinema**. Cambridge: Harvard University Press, 1991. (Harvard Film Studies).
- BREY, P. O domínio da Terra e as relações de poder entre os homens. In: **Anais do IX Congresso da ANPTECRE - A Religião na América Latina e Caribe: conceitos, relações e perspectivas: grupos de trabalho**. Campinas-SP, PUC Campinas, 2023. p. 648-655. Disponível

em: <http://anptecre.org.br/download/IXcongressoAnptecreAnaisGT.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.

CARPEAUX, O. M. **A literatura greco-latina**. Rio de Janeiro: LeYa, 2012a. (História da Literatura Ocidental - vol. 1).

CARPEAUX, O. M. **O Iluminismo e a revolução**. Rio de Janeiro: LeYa, 2012b. (História da Literatura Ocidental - vol. 5).

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Debates - Filosofia - 50).

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.

CLARKE, A. C. **The Sentinel**. New York: Voyager, 2001.

D'ALLONNES, M. R. *ARENDT Hannah* (1906-1975). *In*: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 60-61.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016. (Debates - Filosofia - 52).

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

FEWELL, D. N. (Ed.). **The Oxford Handbook of Biblical Narrative**. New York: Oxford University Press, 2016.

FOKKELMAN, J. P. **Reading Biblical Narrative: an introductory guide**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1999.

GUNN, D. M.; FEWELL, D. N. **Narrative in the Hebrew Bible**. New York: Oxford University Press, 2009. (The Oxford Bible Series).

HEIDEGGER, M. *A questão da técnica*. - **Ensaaios e conferências**. 8ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012, p. 11-38.

HIEBERT, T. *Genesis*. *In*: MARLOW, H.; HARRIS, M. (Eds.). **The Oxford Handbook of The Bible and Ecology**. New York: Oxford University Press, 2022, pp. 81-94.

HUISMAN, D. *Condição humana (A)* (1958) - **Dicionário de obras filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 69-70.

KUSCHEL, K. J. „Vielleicht hält Gott sich einige Dichter“ - **Literarisch-theologische Poträts**. Mainz: Matthias Grünewald Verlag, 1991.

MARGUERAT, D. ; BOURQUIN, Y. **Pour Lire les Récits Bibliques : initiation à l'analyse narrative**. Paris : Les Éditions Du CERF ; Genève : Labor Et Fides, 2009.

NUNES JÚNIOR, E. M. **A Terra em Gênesis 1-9: uma leitura microscópica crítica da narrativa**. 2017. 140 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2017.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **A nova aliança: metamorfose da ciência**. Brasília: Editora UnB, 1997.

ROBERTS, A. **The History of Science Fiction**. London: Palgrave MacMillan, 2005. (Palgrave Histories of Literature).

RÜDIGER, F. **Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

SAILHAMER, J. H. **The Pentateuch as Narrative: A Biblical-Theological Commentary**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992. (Library of Biblical Interpretation).

SHELLEY, M. **Frankenstein ou O Prometeu moderno**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

SKA, J. L. *Sincronia: L'Analisi Narrativa*. In: SIMIAN-YAOFRE, H. (Ed.). **Metodologia Dell'Antico Testamento**. Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 2009, pp. 139-170. (Studi Biblici - 25).

STERNBERG, M. **The Poetics of Biblical Narrative: ideological literature and the drama of reading**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2017. (Debates - Teoria da Literatura - 98).

UEHLINGER, C. *Genèse 1-11*. In: RÖMER, T.; MACCHI, J. D.; NIHAN, C. (Éd.). **Introduction à L'Ancien Testament**. Genève : Editions Labor et Fides, 2009, pp. 197-216. (Le Monde de la Bible n° 49).

VERNANT, J. P. **O Universo, os deuses, os homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

Filmes

2001: A Space Odyssey. [Filme]. Direção: Stanley Kubrick. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1968.

Blade Runner. [Filme]. Direção: Ridley Scott. Estados Unidos: Warner Bros., 1982.

Gattaca. [Filme]. Direção: Andrew Niccol. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1997.

Elysium. [Filme]. Direção: Neill Blomkamp. Estados Unidos: TriStar Pictures, 2013.

Lucy. [Filme]. Direção: Luc Besson. Estados Unidos: Universal Pictures, 2014.

R0b0cop. [Filme]. Direção: Paul Verhoeven. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1987.

Série (desenho animado)

The Jetsons [Série]. Direção: William Hanna; Joseph Barbera. Estados Unidos: ABC, 1962. (3 temporadas).

Recebido em: 29/08/2024
Parecer dado em: 02/12/2024